

Germinal!

Jornal anarquista

ADMINISTRADOR: F. FELIPE — Caixa postal, 134 — S. PAULO (Brasil)

ASSINATURA

Anual 10\$000

Semestral 6\$000

Revolta popular contra a lei de expulsão e a carestia da vida

A única solução — Regresso dos deportados — A' caminho da vitória.

A inexorável eloquência dos factos jactam finalmente, nos nossos burgueses, nos estadistas nacionais o convencimento dos resultados contraproducentes que para eles têm a famosa lei de expulsão dos estrangeiros, que compiarão de outras leis, estrangeiras e instituíram entre nós, como arma de combate e de resistência contra todas as reivindicações do proletariado.

Esta liberticida e estrangeira lei, vinha a ser um elemento de governo, e com a qual se pretendeu consolidar a normalidade da ascendente exploração determinada pelo desequilíbrio económico regente, que põe em sério perigo a vida dos trabalhadores.

O princípio de economia política mais admitido entre os economistas é aquele segundo o qual, o consumidor deve adquirir os géneros, não conforme o preço imposto pelo vendedor, mas segundo os recursos com que conte o consumidor.

Ha dias li varias considerações de um artigo publicado por um sabio, que acaba de explorar as regiões do norte do Brasil, que a vida do trabalhador no Acre, é de tal dificuldade que não se pode perguntar-lhe quanto ganha, senão quanto gasta.

Estas asserções logicas, justas, incontestáveis são as sentidas por todas as pessoas de bom sentido, e constituem as equitativas aspirações da imensa maioria da população.

Mas, contra estas aspirações do povo encontram-se os interesses do capitalismo e todos os interesses creados; a organização económica do regimen republicano, que, como todos os outros regimens monarchicos ou imperiaes, serve de esteio á sociedade burguesa e capitalista, causante de todos os conflitos que têm lugar entre todos os individuos, todas as classes sociais, e de todas as misérias e iniquidades que martirizam os povos.

A única solução

O regimen que mais se harmoniza com as necessidades humanas, e poria fim a todas as lutas políticas e económicas, a todas as tiranias autoritarias é o comunismo anarquista.

Os burgueses, os politicos e todos os que vivem da exploração, não estão dispostos a largarem a presa dos seus privilegios, preferindo arrostar as consequências de uma luta cruel e implacável, não reparando no cometimento dos mais monstruosos crimes, para manterem as suas posições.

A sciencia de governar tornou-se, porém, difícil, porque a evolução intelectual dos povos não permite mais a acção discricionaria dos poderes, limitando sensivelmente o principio de autoridade, e elevando como consequencia o principio libertario.

A Lei é um crime, porque implica o estacionamento da evolução humana, atenta contra a vida do povo limitando o exercicio das faculdades individuais e estabelece a manutenção de prerrogativas, que prejudicam a grande maioria dos seres humanos.

A lei de expulsão, sendo como é, um crime juridico e legalmente um édito draconiano de excepção que castiga mendicidade, tendo antes o sistema capitalista, suprimido o direito ao trabalho, a garantia de vida para os invalidos e suas familias, e derrogado todas as liberdades de desenvolvimento intelectual e de melhoramento economico das classes laboriosas, não podia deixar de provocar a justa revolta do povo brasileiro e dos outros povos, que também se sentem feridos com a repressão brutal exercida pelos governos da democracia brasileira, e souberam unir-se num forte protesto de solidariedade internacional.

A lei de expulsão tornou-se, por isso, uma arma contra a burguezia, porque da logar á critica profilactica que define perfeitamente a classificação inerente ás instituições do pais e aos seus dirigentes.

Os europeus que tentarem emigrar terão horror de um pais em que se institue e se regula a trata de trabalhadores, ou escravos brancos, e sabem de antemão que, em vez de garantias e liberdades, só podem encontrar expoliações e atropelamentos.

Não tardaremos, pois, em saber qual será a nova situação: ou os governantes derrogam a lei da expulsão, ou, do contrario, a emigração ficará, e já está ficando, consideravelmente sustada; á falta de braços impedirá a verificação de grande parte das colheitas, e as que se verificarem serão a preços fabulosos, comparados com os de hoje, causando a ruina de muitos fazendeiros, alem das lutas que o operariado emigrante encontrará nas condições excelentes em que se encontrará para exigir reivindicações, entre elas a derrogação da lei da expulsão.

Deante da acção que está assumindo o proletariado do Brasil e da Europa, e da perspectiva dos novos acontecimentos que se aproximam, ameaçando envolver os modernos escravocratas num grandioso movimento de emancipação operaria, estes parecem assumir uma attitud mais conciliadora, declarando se vencidos perante as potencias das hostes libertarias e do operariado organizado e consciente.

Os primeiros sintomas desta attitud governamental manifestam-se na tolerancia com que as autoridades presenciam os comícios contra a carestia da vida, apesar de tentarem propuzir desorden, com o concurso dos agentes provocadores, e a sua obediencia á imposição popular, pondo em liberdade os operarios que, no Rio, tinham sido presos para sofrerem a pena de deportação.

E' interessante notar que, depois de reformada a lei de expulsão nenhum operario foi deportado, o qual faz crer que foi atirada para o cesto dos papeis sujos, por incapaz e má figura.

Florencio de Carvalho

Regresso dos deportados

Diz a «Epoca» do Rio: «O governo de São Paulo já se empenha para que voltem todos os deportados, em vista da campanha feita na Europa, e que alguns até já aqui chegaram». E acrescenta: O que é preciso, porém, é que esse governo escravocrata de S. Paulo, que pediu tão infame lei, peça a sua revogação.

E' precisamente o melhor que pode fazer, se não quizer comprometer, ainda mais, os interesses dos seus patrões, os capitalistas, e a situação difícil em que se debate. Hontem foram os marinheiros os que quebraram a soberania dos poder constituídos, hoje são os operarios os que obrigam os governantes, a burguezia a recuarem, rompendo o principio de autoridade.

Nestas lutas de reivindicações sociais a victoria cabe sempre aos oprimidos, pois, a revolta vencida é um passo para a Revolução social e a revolta triunfante, como a que o proletariado internacional está alcançando sobre a burguezia brasileira, é uma dupla victoria, porque as nossas reivindicações ficam definitivamente afirmadas, tanto no terreno moral como no terreno da pratica.

Continuemos, pois, a combater com afinco para assegurar a grandiosa victoria, cujos resultados se estão fazendo sentir.

A legação brasileira em Madrid contra a propaganda anti-emigratoria

Para confirmar a importancia da agitação realizada na Europa pelo delegado da

Confederação Operaria Brasileira e a forma pela qual o governo brasileiro se recomenda, por intermedio das sues legações, transcrevemos d'«A Epoca» do Rio as seguintes linhas:

«Cartas que chegaram a Madrid nos informam que em um comício realizado alli pelo companheiro Antonio Veytes, comício em que a concorrência de vo era enorme, appareceu um cavalheiro dando apartes violentos contra o orador que expunha como sendo maltratados no Brasil principalmente em S. Paulo, os trabalhadores estrangeiros. Expulso esse cavalheiro pelo povo do comício para fora, soube-se depois que era um empregado da legação asileira, que se viu assim em um mão q'to de hora».

Na Espanha fica-se, por sabendo o que nos ha muito sabemos: que os representantes dos poderes conhecidos desta democratica republica procuram salvar a sua situação com quadrilhas de agentes provocadores.

Não devemos porem tomar a mal essas manifestações da diplomacia brasileira, visto que, desta forma, auxiliam a propaganda anti-emigratoria.

Aos trabalhadores da Europa

Lei de expulsão aprovada pela Camara e o Senado, e sancionada pelo presidente da Republica Brasileira em decreto de 9 de Janeiro de 1913.

«Art. 1.º — O estrangeiro que por qualquer motivo comprometer a segurança nacional ou a tranquillidade publica pode ser expulso de uma parte ou de todo o territorio nacional.

Art. 2.º — São causas suficientes para a expulsão:

1.º — A condenação ou procedimento penal executado pelos tribunais estrangeiros por crimes ou delitos comuns;

2.º — 2 condenas ao menos, applicadas pelos tribunais brasileiros, por crimes ou delitos comuns;

3.º — A vagabundagem, a mendicidade e o lenocinio, competentemente verificados.

Art. 3.º — O poder executivo pode impedir a entrada no territorio da Republica aos estrangeiros cujos precedentes autorisem a classificação nos artigos 1.º e 2.º.

4.º — A expulsão será individual e em forma de mandato que será expedido pelo Ministerio da Justiça e do Interior.

Art. 5.º — O Poder Executivo prestará anualmente conta ao parlamento da execução da presente lei, remeendo os nomes dos expulsos com a indicação da sua nacionalidade e indicando igualmente os casos em que o pedido da expulsão pedida pelos Estados não foi atendida e os motivos da recusa.

6.º — O Poder executivo notificará em nota official ao estrangeiro que pretende expulsar, os motivos da deliberação, concedendo-lhe o prazo de 3 a 30 dias para abandonar o territorio e podendo, como medida de segurança publica, ordenar a sua detenção até o momento da partida.

Art. 7.º — O estrangeiro que voltar ao territorio do qual foi expulso será punido com a pena de um a tres annos de prisão, em seguida ao processo penal instituido e julgado pelo juiz seccional e, depois de ter cumprido a pena será novamente expulso.

Art. 8.º — O poder executivo pode revogar a expulsão uma vez tenham cessado as causas que a determinaram.

A lei anterior, da qual esta é uma simples modificação em seu artigo 3.º determinava que:

« Não pode ser expulso do territorio nacional o estrangeiro que resida no país du-

rante 2 annos continuos, ou durante menos tempo quando:

a) for casado com mulher brasileira.

b) quando viuvo e com filhos brasileiros.

Art. 8.º — Durante o tempo que lhe foi concedido, pode o estrangeiro recorrer ao mesmo poder que ordenou a sua expulsão, se esta é fundamentada nas disposições do art. 1.º ou ao Poder Judiciario Federal, quando proceda ás disposições do art. 3.º. Somente neste ultimo caso o recurso terá efeito suspensivo».

Com a abolição destes dois artigos qual-quer fazendeiro, qualquer burguez ou mandão, publico ou particular, pode ordenar a expulsão de todos os seus desafectos que não contem com o beneplacito da influencia official.

Esta lei é bastante para formar-se uma ideia da falta de todos as garantias e da situação estúpida em que se encontram os emigrantes, ou melhor os trabalhadores no Brasil, e o grau de cultura a que chegou a burguezia deste país, a que deram em chamar o Eden americano.

A agitação nesta capital

Liga Popular contra a Carestia da vida

Realizou-se o annunciado comício contra a carestia da vida, no largo de S. João, Belémzinho, promovido por esta Liga.

Tambem se realizou mais um meeting no ornamento das ruas Oriente e Rodrigues dos Santos, promovido pela mesma Liga.

— No intuito de intensificar a sua campanha, a Liga organizou sub comités em diversos bairros. Já estão funcionando na Barra Funda, Villa Mariana e Mooca.

Esta mesma Liga realizou ainda outros comícios, entre os quais figuram o realizado no dia 2 no largo de Cambucy, sendo todos muito concorridos, apesar das enormes dificuldades que a Liga encontra para fazer a propaganda.

No dia 7 deve ter tido lugar outro comício, o qual indica que o povo está decidido a intensificar a agitação até conseguir ser atendido nas suas reclamações.

NO RIO

A policia e as outras classes armadas, ensaiam todos os meios para aterrorizarem o povo, e abafarem os seus protestos e rebeldias.

Mau grado, porem, de todos os terrorismos, o povo, tendo a sua frente os elementos da Federação e da Confederação Operaria Brasileira, continúa a realizar ruidosas manifestações publicas, não conseguindo as provocações e agressões policiaes outra coisa que excitar os ânimos e dar calor ao movimento.

Grandes comícios nas principais cidades do Brasil, contra a carestia da vida e a lei de expulsão.

A Confederação Operaria Brasileira está promovendo, para o dia 20 do corrente, um protesto geral em todo o Brasil, contra a carestia da vida.

Nesse dia, realisar-se-á um comício monstro na Capital Federal, ás 5 horas da tarde; á mesma hora também se verificarão comícios monstros em todas as capitais dos Estados e na maioria das grandes cidades brasileiras.

A Confederação Operaria tem recebido numerosas adesões nesse sentido.

Nestes comícios serão aprovadas as moções da Confederação Operaria Brasileira relativas a carestia da vida e a lei de expulsão, que foram publicadas no nosso numero anterior.

Comício em Pelotas

Em Pelotas, realison-se também no largo do Mercado um «meeting» de protesto contra a carestia da vida.

Usaram da palavra o redactor do «Correio Mercantil» e dois operarios.

NOTÍCIAS ALHEIAS

A situação dos trabalhadores no Brasil A' imprensa livre da Europa

Para que não haja duvida sobre o que dissemos a proposito da situação dos trabalhadores no Brasil, iniciamos a publicação das noticias dos proprios jornais burgueses, esperando que a imprensa livre da Europa as divulgue em suas colunas.

Presas em suas proprias casas EM TUYUTY

«No dia 25 do mez corrente pela manhã, foram praas no distrito de Paz de Tuyuty, em suas proprias casas, as seguintes pessoas: Calixto de Tal, cozeiro do cemiterio; Maria de Tal, Christina de Tal, Jovelina de Tal, Elydia de Tal, solteira, e Adelina Maria de Jesus, e imediatamente remittidas para a cadeia publica de Bragança (por não haver cadeia aqui) segundo districto, ordem do antecedido subprefeito do districto.

As referidas pessoas não tinham praticado delicto algum, e, pacificamente, estavam em suas casas, ao serem presas.

Os moradores da freguesia, ao saberem das arbitrariedades e violentas prisões daquellas pessoas ficaram indignados, pois, sabiam que as mesmas não haviam praticado acto ou delicto algum, que autorisasse aquelle procedimento policial districtal.

Soubese, depois, que os presos deram entrada na cadeia de Bragança, que o que motivou taes prisões foi a intriga sêez, que campeia, neste districto, e que tem sido causa de muitas inimizades e perseguições!

No entanto, aquelles que merecem ser castigados; aquelles que a autoridade deve pôr sobre os seus demandos, passeiam frescamente pelo districto, sem que sejam incomodados!»

(Da «A Comarca» de Bragança, 30 de Março de 1913).

Operarios espancados pela policia

RIO, 27 — Hoje, vinte operarios da fabrica «Cometa», de Petropolis, declararam-se em greve, devido á diminuição de salario.

A policia pretende effectuar prisões, apesar da attitud calma dos grevistas. Os operarios, em numero de mil, oppuzeram-se. A policia sahio, voltando posteriormente com força maior.

Encontrando apenas tres operarios, prenderos, espancando-os com os facões.

(Telegrama publicado pelo «Estado de São Paulo» do dia 28 do mez findo).

Os povoadores de Itapura

«A policia, para não perder tempo e papel, aboliu de vez os processos contra os vadios reincidentes e turbulentos incorregiveis, remetendo-os, summariamente, para as bandas servidas pela Noroeste, onde, quando não conseguem fugir, ou morrem ou se tornam delinquentes temiveis. Mas se a policia desterrasse para a zona alludida só os vadios e os turbulentos reincidentes, os perigosos á sociedade, a violencia podia ser tolerada. Isso, porém, não acontece: com os vadios são destruidos trabalhadores honestos e homens invalidos.

Ainda ante hontem recebemos a visita do sr. Luiz Teixeira de Almeida Barros, provedor honorario da Santa Casa de Misericórdia do Jabú, recém chegado de Itapura, na Estrada Noroeste do Brasil. No dia 13 ou 15 do março ultimo, affirmou o sr. Almeida, que umas vinte praças, sob as ordens de um sargento, largaram na referida estação 26 individuos, sendo que desses, tres eram velhos e doentes, um era paralytico e outro... sem uma perna!

O paralytico, segundo declarou o nosso informante, esteve durante dezoito horas, abandonado, cahido ao solo, nas proximidades da estação.

Ainda segundo o sr. Almeida, os doentes ficaram abandonados em Itapura, tendo os validos conseguido fugir.

Factos como os que acabamos de narrar depõem contra a nossa policia.

O sr. Secretario da Justiça e da Segurança Publica, estamos certos, não deixará de dar as providencias que o caso, pela sua gravidade, exige».

(Do «Comercio de S. Paulo» de 3 do corr.)

N. d. R. — Os camaradas que enviarem a esta redacção jornais que façam publicações identicas, farão boa obra de propaganda.

A Igreja e a questão social

...o amigo Tristão me respondeu: —Ha, de facto, um perigo clerical. A Igreja trabalha activamente por intrrometer-se no movimento operário. A Igreja pretende resolver a questão social... Ah! aqui também! Talvez principalmente aqui... Les-te os extractos dos estatutos da «União Operária de Petropolis», por mim publicados na «Voz do Trabalhador»? Pois bem. Lê agora esta revista.

Era a «Revista Social», vol. V, ano V. Publica-se no Rio. Diz-se «órgão da mocidade» e é de «acção social». Editora: a «União Católica Brasileira». É uma revista de belo aspecto, com 24 paginas de excelente papel. Folheio-a... Repara nestes títulos: «O Socialismo — A solução católica da questão social — Meios praticos de propaganda entre o operariado do Rio de Janeiro». E o tema de um relatório lido na sessão da «União» em 1 de novembro ultimo. Segue-se o artigo: «Sindicalismo católico», traduzido de L. Garriguet (L'Evolution actuelle du Socialisme en France). Não é revelador? Bem me disse o Tristão: —Ha, de facto, um perigo clerical...

A decadencia na Igreja não é cousa que se discuta mais. O poderio politico do Vaticano está hoje muito limitado. Já não é mais aquela força incontestavel dos tempos idos... E essa decadencia se accentua de dia para dia... Ora, precisamente por isso, a Igreja congrega as ultimas energias, que lhe restam, e tenta, num esforço extremo, recuperar a situação perdida. Sem duvida, é um esforço inutil. A sua queda, como a de todas as outras igrejas e religiões, é fatal. Porque a base de todas elas, a divindade, foi já ferida de morte. É uma questão de tempo... E aqui é que está o perigo. Perigo real. Examinemo-lo rapidamente.

Para a Igreja, todos os meios de acção são bons. Escrupulo e coerencia, para ela, são palavras vãs. Serve-se de tudo. Mesmo a custo de transigencias de momento... Assim, diante da questão social. A questão social é inevitavel. Empolga todos os espiritos. A Igreja, naturalmente, sai também a campo, pretendendo resolvê-la. E nisto, o Vaticano sofre ainda a concorrência das outras seitas. O protestantismo, o espiritismo, o ocultismo, etc., cada qual supõe ter a chave do problema. Ha o socialismo católico. Ha o socialismo protestante. Ha o socialismo espirita... Ha até, entre nós, alguns tolos que chamam o bipotetico Jesus de socialista, de anarquista... Ora, bem.

Inda sabemos a grande porcentagem de ignorancia que existe no povo, na massa trabalhadora. Sabemos mais, que aqui na America do Sul, essa porcentagem atinge proporções esmagadoras. No Brasil, mais de noventa por cento da população é composta de analfabetos. (Digo analfabeto no sentido rigoroso. Saber só o a b c e as quatro operações não é deixar de ser analfabeto...) E sabemos também que é justa mente no meio dessa massa enorme de ignorantes que o clero exerce maior influencia. Daí, uma conclusão: a necessidade da propaganda anticlerical, da propaganda antireligioza.

A queda de todas as religiões é fatal. É uma questão de tempo... E a dilatação desse tempo está na razão inversa da propaganda antireligioza que se fizer.

Li a «Revista Social». Li o relatório e o artigo citados. Reli-os... Que dizem eles?... Mostar-vos-ei, por parte. Em dons, ou tres treços. E de antemão vos digo que o segundo é mais perigoso. É mais pratico. Discute meios de acção. Mostra a conveniencia da intervenção da Igreja no movimento operário... O primeiro discute teorias, analisa as teorias socialistas. E que «análises», amigos meus!

Vejamos. Vêde esta sentença. «A abolição da propriedade é uma cousa tão impossivel, quanto, matematicamente, a quadratura do circulo». É inapelavel... O cidadão relator arruma-a em cima do socialismo, como clava maxima. Destroi, assim, o socialismo. Mas não nega a questão social. Ao contrario. É um problema gravissimo. E a solução dele está na «Igreja Católica», com o seu corpo de doutrinas tão consoladoras, e Cristo, após 2.000 anos, volta a trazer a paz entre os homens... Mais ainda. A intervenção da Igreja é legitimissima «na solução do problema social, pois a Igreja sempre dele se preocupou». O Vaticano está extremamente preocupado com o movimento operário: «trabalha agora por todos meios para conseguir melhorar a sorte dos operarios modernos». Fixai o bem: «trabalha agora por todos os meios...» E categorico, inflexivel. E devemos nós ficar quietos diante disso?... Não é possivel. Temos em vista, ainda, esta verdade: os noventa por cento de analfabetos espalhados por este grande país constituem, pela sua mesma ignorancia, um meio favorabilissimo ás manobras manhosas do clero.

O pensamento do artigo «Sindicalismo Católico» está sintetizado neste trecho inicial: «Mais convicções que os membros da Escola social católica não tem outros partidarios a associação e organização profissional. Sempre sustentou esta Escola que os operarios tem o direito e a necessidade

de se agruparem no terreno corporativo». Não é perigoso? Claro. Toda a mentira é perigosa... E neste diapasão está construído todo o artigo de L. Garriguet. Ele demonstra como a Igreja tem o direito, o dever e a necessidade de intervir no movimento operário. Tanto peor para a Igreja, sinão procurar intervir. O movimento existe. Ou a Igreja monopoliza esse movimento, ou será... a barbaria. Ouvi: «E' entre ela e o Sindicalismo que se dará a suprema batalha. Representam os dois polos do movimento social. Um dia virá, provavelmente, em que se verão sós, um em face do outro, e então, esperamolo, a doce doutrina do Cristo, mais uma vez, salvará o mundo da barbaria».

Eu estou certo de que a suprema batalha não se dará entre o Sindicalismo e a Igreja. Estou certissimo. Mas não estou menos certo de que, si os sindicalistas, si os anarquistas fecharem os olhos aos planos dos varios cleros, a suprema batalha, que pregamos, será retardada e as varias religiões, que ali existem, terão mais alguns anos de vida sobre a terra. Perspectiva essa que não me parece uma perspectiva propriamente maravilhosa...

ASTROJILDO PEREIRA
Rio, 31-3-913.

Inimigos do Brasil?

Desde a aprovação da famosa lei de expulsão dos estrangeiros, os burguezes os politiqueros dão o estrilo, e a imprensa, sua portavoz, reflete em sendos artigos a indignação de que estão possuídos, por que, em vez de aterrorizar-nos com o gesto dos escravocratas paulistas, continuamos impassiveis, a nossa propaganda de regeneração social.

É logico que para triunfar-mos lancemos mão de todos os meios que estão ao nosso alcance e de acordo com os nossos principios, mas os papagaios que vivem do commercio da imprensa, das verbas ordinarias ou secretas, sistematicamente afirmam que estamos difamando o Brasil e que, por tanto, somos perigosos a ordem publica, economica e administrativa em vigor.

Nunca se lembraram de que temos ao alcance muitos recursos para combater as violencias, com as quais entendem opprimir o povo; por isso ficaram surpresos com a propaganda de esclarecimento da vida operaria no Brasil, feita pela nossa imprensa, pelas circulares desde aqui enviadas ás associações congêneres de alem-mar e pelo delegado especial da Confederação Operaria Brasileira que atualmente recorre ás provincias de Portugal e Espanha.

Não somos inimigos do Brasil, mas sim de todas as infamias e explorações exercidas contra o povo trabalhador, extorquido nas oficinas e nas fazendas, e tratado ainda pelo barbaro sistema da antiga escravidão.

O país não é mau, o que é mau, é o sistema economico e social imposto pelos fazendeiros e mandões, os quaes pretendem a toda custa, prender o progresso da humanidade a um estado estacionario, a um corolario de infamias, que tem por base a soberania dos exploradores sobre os povos.

Não, não somos inimigos do Brasil, como não o somos da China; a nossa patria é o Mundo, e em qualquer parte que nos encontramos, tratamos de combater todas as injustiças, todos os males sociais.

Sabemos que, como na França, como na Russia e no Japão, o ideal de emancipação humana terá também as suas victimas no Brasil.

Os males que aqui combatemos existem, mais ou menos em todas as regiões e em nenhuma faltam anarquistas que empregam os seus esforços para instaurar uma vida livre, em harmonia com as necessidades humanas.

Arcenio Benlencour.

Povo libertate!

Povo: ouve-me! Eu sou um rebelado contra a presente sociedade, violenta e exploradora, a qual se mantém pela tua tolerancia, filha da profunda ingenuidade que te deprime.

Por tanto ouve-me. Libertate dos dominadores da terra, porque são eles os que te reduzem a miséria.

Porém, para conseguires a tua liberdade deves deixar de crer nas bondades dos governos; não continuar a penetrar nas igrejas, porque ali só te é suministrado o ensino de submissão; deves perder toda confiança nos politicos, porque estes, com o intuito de captar a simpatia popular, introduzem-se no teu meio, e com o alarde de pugnam pelos teus direitos desviam-te do verdadeiro caminho das tuas reivindicações.

Finalmente deves crer em ti somente e na tua soberania.

Deves crear a consciencia necessaria, que te leve a conquista dos grandes ideais, e essa consciencia só poderás adquiri-la estudando os grandes livros da filosofia anarquista e tomando parte activa em todas as lutas libertarias. E' este o caminho que se deve seguir quando se anda em busca do bem estar.

Estudar e propagar os diversos problemas da vida, para affirmar uma orientação consciente, revolvendo os opprimidos para o triumpho da justiça social, libertando-se, de uma vez por todas, de quantos tiranos existirem ou venham a existir, é a obra verdadeiramente revolucionaria de todos aquelles que amam a justiça, que amam a humanidade.

Só assim a burguesia, com o seu Estado e Capitalismo, em breve não serão mais inimigos do povo, porque terão deixado de existir.

Zeferino Oliva

Contra o Extraordinário

Pela 8 horas

Ha trabalhadores que julgam obter grandes beneficios por trabalharem mais 1 ou 2 horas de extraordinario, pelas quaes recebem, no fim de cada mes, uns 10 ou 12\$000 alem do salario comum.

Não pensam nos malefícios que produzem em detrimento da colectividade e da propaganda, fazendo esse trabalho extraordinario.

Não se lembram que vão assim habituando o patrão a antigo regime em que se trabalhava 10 a 12 horas pelo mesmo salario de hoje, e que numa ocasião oportuna, da falta de trabalho, proporcionam aos patrões o meio de anularem a conquista de 8 horas que tantos sacrificios custou aos nossos companheiros.

A muitos cusa a ruina da propria saude, a tuberculose adquirida nas humidas masmorras da polia.

E para quê? Para amanhã os nossos exploradores dizerem com certa rra de logica aos cru-miros:

— «De hoje a diante o horario normal será de 10 horas!»

Que poderão sponder aqueles que fazem extraordinario? Com que força moral poderão protestar!

Se os patrões hpozerm isso num momento em que nabaia muito trabalho, terão de se sujeitar a imposição, sem tigr nem mugir, visto que eles mesmos é que abriram a precade.

Mas os trabalhadores conscientes é que não devem esperar que a coisa chegue até este ponto.

Devem reagir! Com a violencia, sendo necessario!

Os que lutam e se sacrificaram para obter o orario oito horas, têm o dever de velar pela manutenção dessa conquista. Não devem ficar mercê duma misera-vel

sem dignidade, que, para receberem mais uns miserios vintens, não vacilam em comprometer os interesses geraes da nossa classe.

Guerra ás raposas!
Ódio sem treguas a quem trabalhar mais de 8 horas!
Caviechioli

Vida operaria internacional

Na Suissa

A União Operaria de Zurich e o partido social-democratico do mesmo cantão, separaram-se. Na municipalidade de Zurich ha quatro social-democratas, que, durante a greve geral de julho de 1912, aprovaram prohibição das comissões de vigilância dos grevistas, o emprego de tropas contra a greve e o castigo de alguns operarios municipais, por terem aderido ao movimento.

As relações, que já eram tensas entre as duas organizações, azedaram-se ainda mais com esta atitude, não censurada pela imprensa social-democratica. Por fim, como um jornal do partido atacasse um militante operario, foi contra esse jornal aprovada uma moção de censura. E foi então o proprio partido que quis a ruptura, decidindo a separação antes reclamada por muitos militantes dos sindicatos.

Eis pois os movimentos sindical autónomo em Zurich, como já o era na Suíça de lingua frangesa. E' o primeiro passo que será decerto seguido por muitos outros. Já se fala na possibilidade d'uma Federação das Unões de Sindicatos de toda a Suissa, organização independente dos partidos politicos.

Na Bulgaria

Os efeitos da guerra no proletariado são terriveis. Um membro da Federação dos operarios dos transportes envia a um jornal francês daquela corporação uma correspondencia edificante.

Os ferro-varios estão sob uma tirania espantosa. As estações são governadas por militares brutos, que nada entendem do serviço e não admitem fadigas nem doencas como desculpa. O conselho de guerra, por ordens impossiveis de cumprir, por efeitos dos cansaço ou da insuficiencia do material, condemnou os empregados a penas formidaveis. Desde o principio da guerra não ha repouso, nem para os homens, nem para o material. Diante não concebeu inferno mais horrivel.

Em Portugal

Os operarios das construcções civis de Lisboa declararam-se em greve parcial, reclamando oito horas de trabalho no inverno e nove no verão.

LUTA SOCIAL

Reunião Operaria

O movimento operario toma cada dia maiores proporções nesta capital, succedendo-se as reuniões tendentes a organização das diversas classes trabalhadoras, constituindo importantes sindicatos de combate contra o capitalismo e a burguesia. Reina actividade em diversas classes, que com grande entusiasmo iniciam a tarefa determinadora da união e solidariedade. Ainda no dia 30 do passado mez, promovida pelo Sindicato Operario de Officinas Varios, realizou-se no vasto Salão Alhambra, 4 rua Marechal Deodoro, N. 2, uma reunião das classes de trabalhadoras de S. Paulo, para tratar de levar a cabo os trabalhos urgentes da organização operaria neste Estado.

Iniciados os trabalhos da assembléa, que era numerosissima, reinando entre todos os presentes o mais grande entusiasmo, um companheiro representante da comissão provisoria, encarregada de reorganizar as classes trabalhadoras desta cidade, expoz aos presentes as bases do sindicalismo revolucionario, demonstrando que por esta forma poderão os operarios fazer surgir entre si o sentimento de solidariedade e adquirir uma perfeita orientação para a luta consciente, que deverá arrancar dos capitalistas, de conquista em conquista, os seus direitos conspurcados.

Em seguida falaram outros oradores, os quaes fizeram sentir a necessidade imprescindivel da organização.

Com aprovação de todos ficou deliberado realizar no dia 24 de Maio uma grande festa operaria em comemoração da conquista da jornada de 8 horas de trabalho, e o resultado monetario que se obtiver será revertida em beneficio da propaganda e do aluguel de um predio que seja apropriado para a sede social.

Segunda feira próxima, 9 do corrente ás 7 e meia horas da noite, 4 rua do Riachuelo, 43, o Sindicato Operario de Officinas Varios, realizará uma nova reunião para tratar dos preparativos da festa e de outros assuntos de palpitante actualidade para as classes trabalhadoras.

Ninguém deve faltar a essa reunião, especialmente os operarios que se interessam pelo progresso e melhoramento das suas classes, tanto moral como materialmente.

Tocando a rebato

Na marcha impetuosa da humanidade para a conquista da sua vida e da sua liberdade, impulsionada pelo instinto de conservação e desenvolvimento, tropeçou através das idades com infinito numero de igrejas, de seitas religiosas e politicas, com sistemas sociais e economicos que lhe prometiam, senão a felicidade, ao menos um melhoramento consideravel nas suas condições de existencia.

Quando uma igreja, uma seita ou sistema social e economico era suficientemente experimentado e se reconhecia a sua inutilidade, tornando-se detestavel e incompativel com o alcance mental dos povos, surgiam de todos os lados numerosos grupos de charlatães que, dizendo-se inovadores ou reformadores, convocavam as massas para proporem-lhes renovações ou modificações nos principios da vida de relação, apresentando novas doutrinas religiosas, economicas e politicas, não esquecendo-se jamais de guardarem para si ou para as suas classes, novos privilegios ou prerogativas.

E a humanidade sofreu com paciencia os rigores dos defeitos dos diversos principios e sistemas de ordem religioso, politico, social e moral que se succederam até hoje, na esperança de adquirir melhoramentos positivos.

Na longa e penosa odisseia da sua passagem pela vida, experimentou dolorosamente as catastrophicas influencias dos antigos ritos e crenças até o cristianismo e as outras seitas hodiernas, apagando com elas as luzes da sua intelligencia e corrompendo-se fisicamente com as praticas de lesa natureza dos seus respectivos ritos.

Sofreu também o barbaro despotismo do patriarcado, dos consulados, dos imperios e monarchias e das republicas, entre as quaes se contam as antigas da Grecia, de Roma e de Veneza; passou da autoracia a democracia, não encontrando outra coisa que tirania e escravidão.

Passou desde a centralisação da propriedade nas grandes cidades ao feudalismo e a propriedade individual, morrendo de fome ao pé da abundancia, dos suntuosos banquetes e estendendo o seu leito nas covas sinistras, nas choças em ruinas ou na via publica, cobrindo-se com o manto de estrellas, proximo dos grandes palacios, onde os ricos, os exploradores gozavam e gozam de todo o conforto e se exgotam no constante exercicio dos excessivos prazeres.

Seguindo a mesma rota dos antepassados pastores da humanidade, surgem a cada momento e em cada canto, multiplicando-se com uma fecundidade surpreendente, verdadeiros exercitos de ambiciosos que preten-

dem explorar a candura do povo trabalhador, capitaneando grupos que avoram a bandeira de novos partidos, os quaes dizem vão transformar ou reformar as caducas instituições, para tirar o povo das dificuldades economicas e politicas em que se debate.

Os partidos parlamentarista e operario (?) tocam a rebate chamando o povo ás suas fileiras, para que os seus caudillos conquistem o poder e depois paguem a ingenuidade dos incautos que os elevaram, com a ponta das baionetas, o dia em que tentem reclamar o cumprimento das fementidas promessas.

O parlamentarismo, como alguém já fez ver, já existiu no Brasil, dando-se a sua caducidade como resultado dos prejuizos que ocasionava ao país.

Esse mesmo sistema de governo existe na Italia, na Inglaterra, e outras nações; e precisamente nos países citados é onde o povo se vê mais atormentado pela miséria. Da Italia os trabalhadores fogem aos milhares, e em Londres interminaveis fileiras de operarios vagam pelas ruas, mechendo as latas do lixo.

Londres, a mais rica capital do mundo, é a cidade da fome.

Este espelho é bastante para voltar-se as costas a esse novo partido de exploradores.

O partido operario, com sede no Rio de Janeiro, o mesmo que se negou a solidarizar-se com a campanha contra a lei de expulsão, e que ha pouco realizou, com o protesto de quasi todas as sociedades operarias do Brasil o chamado Quarto Congresso Operario, ao qual até a propria imprensa burguesa chamou de policial, é uma comandita de meia duzia de hémulos do marechal Hermes da Fonseca, de triste actuação, que assignou a barbara lei que arranca aos trabalhadores todos os direitos é todas as garantias.

Nós tocamos também a rebato chamando a atenção de todos os trabalhadores, tanto os de Jacarehy como os de todo o país, para que se ponham em guarda contra essas e todas as aguias da politica e tratem de conquistar os seus direitos prescindindo de todos os partidos politicos accionando directamente com o concurso de todos que se sentem explorados e opprimidos e aspiram a lutar pela sua emancipação.

E aos anarquistas temos a dizer-lhes que é chegado o momento de que se ponham em campanha, tomando, parte tanto na agitação anti-politica que nos incumbe, como na luta contra a carestia da vida e a lei de expulsão, orientando os trabalhadores pelo verdadeiro caminho das lutas modernas, demonstrando assim que, em vez de sermos verdadeiras nulidades, fazemos sentir que somos homens capazes de grandes empreendimentos e actividades nas grandes lutas sociais e colocar-nos á altura da época que nos viu nascer.

X

BALANCETE do grupo administrativo do «Germinal».

Entradas

JAHU: — A. Mar. 58; B. Cast. 58;	
M. Arc. 58; P. A. Pad. 58; V. Gir. 58; Alegorias 68	31\$000
S. PAULO — G. Lanf. 58; Grupo Pensamento e acção 408. Da lista de J. Sipitz 68	51\$000
S. PAULO — Saldo do Grupo «Guerra Social»	145\$900
Por conta livros do Edgard	10\$000
Subscrição Kropotkine e «Germinal» (metade)	100\$000
A. Orell. 58; J. R. Mac. 58; V. J. C. 108; Domingo Naz. 18	21\$000
MACEIO — J. Caracine	5\$000
CAMPINAS — G. Pel.	15\$000
S. PAULO — Lista Filipe: Sansão-mor 58; A. Pac. 58; R. Filipe 38	13\$000
SANTOS — Serafino S. 28; A. Sac. 58; J. Fin. 108	17\$000
Total	408\$000

Saídas

Com acções	12\$000
Carimbo	5\$000
Aluguel do Salão Alhambra para uma reunião	30\$000
100 bilhetes postais para convocação	5\$000
Termo de responsabilidade	10\$000
Aluguel da sede	50\$000
4 registrados	2\$800
2 cactas (transporte de brochuras, livros e objectos da redacção)	5\$500
Sellos e correspondencia	8\$800
500 envelopes	7\$500
Tinta e barbante	4\$000
Para bilhetes e procura da sede	8\$500
Aluguel da caixa do Correio	10\$000
Uma certidão	5\$000
Entregue ao Nilo para frete da tipografia que se acha no Rio	40\$000
Bilhetes postais e selos	5\$000
Redacção e Administração	140\$000
A' adm. da «Barrietas» para despesas de impressão do jornal	200\$000

RESUMO

Saídas	549\$300
Entradas	408\$000
Deficit	140\$400

La Barricata

PERIODICO ANARCHICO

ABBONAMENTO PER IL BRASILE

AMMINISTRATORE: R. FELIPE

ABBONAMENTO PER IL BRASILE

Annuale 10\$000

Per tutto ciò che concerne il giornale, scrivere alla CASELLA POSTALE, 134 — S. PAULO-BRASILE

Semestrale 6\$000

UN RIPIEGO CHE NON ATTACCA

Mettiamo le cose a posto

I ladri del Brasile, non potendo più negare la realtà di una campagna contro le loro gesta, compiuta, in Europa, da un inviato della Confederazione Operaia Brasiliana, campagna che ha ottenuto un risultato assai soddisfacente; non potendo più negare che una corrente ostile minaccia l'emigrazione per questo paese... hanno pensato ad un ripiego, curioso assai, per denigrare quella campagna e per denunciare ingiustificata la ostilità che viene a guastare i loro interessi di commercianti in carne umana. Essi non negano più, anzi confessano con un ricco lusso di particolari, arrivando fino a farsi telegrafare il resoconto... stenografico delle conferenze del Vieytes, il quale resoconto poi, la «Secretaria de Agricultura», si affrettò a comunicare ai giornali, pagandone magari l'inserzione.

Volete dei... galantuomini accusati di tante ribalderie, più imparziali di così?

Il giuocchetto è bello... ma può ingannare soltanto l'ingenui.

Per esempio il «Don Chisciotte».

Il resocontista ad «usum» fazendeiros e gerenti degli interessi delle oligarchie brasiliane, nel riportare le conferenze del Vieytes, ci mette qualche cosa di suo. Non toglie, non smorza; aggiunge e carica le tinte.

Fa dire all'inviato della Confederazione Operaia Brasiliana, cose... dell'altro mondo. Per esempio: quello narra che in seguito alla rivolta contro la vaccinazione obbligatoria (rivolta fomentata da diversi politicanti che oggi strillano contro... gli agitatori stranieri) molti degli arrestati vennero inviati all'Acre e là venduti per un tacchino?

E' un fatto storico e denunciato da giornalisti che l'anarchia non sanno neppure se è una dottrina od un nuovo pianeta...

Il resocontista però lascia da parte la citazione storica ed assicura che il Vieytes ha urlato che al Brasile si vendono gli uomini in cambio di un pappagallo, per le piazze ed i mercati.

E così di seguito.

Esagerare fino all'inverosimile una denuncia, basata su i fatti, è lo stesso che farla mettere in quarantena. Ed a questo mezzuccio sono ricorsi i ladri del Brasile, ingannando la buona fede di chi non vuole convincersi che con certa gente bisogna stare sempre in guardia e pensare sempre il peggio.

No, egregi signori, noi non vi accusiamo di stuprare le donne per la strada e di arrostiti bambini allo spiedo! Non venite fuori col... Vecchio della Montagna.

Noi vi accusiamo di pagare poco i coloni e qualche volta di non pagarli affatto.

Noi vi accusiamo di mandare in giro per l'Europa dei raccontafrottole che dipingono questo paese come la terra promessa, il regno di Bengodi.

Noi vi accusiamo di considerare il colono dell'oggi come un succedaneo del negro di ieri.

Vi accusiamo di soffocarlo nelle «fazendas» in pieno regime feudale, fuori d'ogni legge.

E vi accusiamo di avere calpestato il diritto di associazione e di avere confidato la libertà e la vita del lavoratore straniero all'arbitrio del primo poliziotto ubriaco, in omaggio ad una legge che, Abdul Amid, nei suoi migliori anni di tirannia, si sarebbe rifiutato di sottoscrivere.

Quello che vale la vostra polizia, quello che vale la vostra magistratura, cosa qui si deve intendere per diritto alla vita... voi lo sapete, poichè quando vi conviene, strillate su per i giornali, che non c'è più moralità politica, che i poliziotti sono dei sicari, i magistrati dei servi; che nessuna garanzia assiste il cittadino che non è dell'opinione del partito dominante...

Noi vi accusiamo di vergogne, di violenze, di rapine, di delitti, da voi stessi le mille volte confessati e non di volere bombardare la luna e non di tagliare dalle natiche dei coloni le fette di carne per lo stufato. La luna è troppo lontana e fin'ora vi siete contentati... di tagliare le orecchie.

I vostri giornali non ci hanno raccontato forse in questi giorni di quel vostro delegato di polizia, di uno Stato del Nord, che conserva nel suo ufficio una collezione di... trombe di Eustachio, tagliate ai suoi sudditi?

Non venite dunque a raccontarci delle storie; difendetele invece dalle accuse documentate, e sempre documentabili, che noi vi moviamo.

Nel vostro interesse è la via migliore che vi si apre davanti, bene inteso, se avete in animo di far penitenza e di ravvedervi delle vostre colpe, cambiando sistema.

Lasciate andare «l'oro argentino» che l'Argentina è stata da noi posta alla gogna già da molti anni.

L'odio dei sovversivi, rivolto al Brasile, è anche una corbelleria. Gli anarchici sono contro tutti i governi, contro tutte le tirannie, dovunque: nell'Alaska e nel Giappone, qui e a casa al diavolo.

Però è un fatto che quando in un paese la tirannia si presenta con caratteri eccezionali, i sovversivi di tutti i paesi si trovano di accordo per boicottare quel

paese ed inchiodarlo sulla berlina perchè su di esso cada l'odio e lo sprezzo dei popoli civili.

Ieri l'altro tal sorte toccò alla Russia; ieri all'Argentina... oggi tocca a voi.

Il trattamento eccezionale è dovuto all'eccezionalità del vostro furore oppressivo, della vostra ingordigia di rapaci fannulloni.

Rientrate nel diritto comune; mettetevi alla stregua degli altri paesi: opprimete e rubate come tutti i governi opprimono, come tutti i capitalisti rubano e noi vi tratteremo come in tutti i paesi gli anarchici trattano lo Stato ed il Capitale.

Vi garba?

g. d.

Ricordate tutto il chiasso che qui si fece intorno al... protomartire dell'italianità a Tripoli, Jean Carrère, clericale, corrispondente di clericissimo giornale francese?

Per i suoi articoli favorevoli alla conquista italiana e per le sue scusanti alle livragazioni che seguirono Sciarra-Scial, venne raccontato che, sicari dell'Unione e Progresso lo crivellassero di pugnate quasi al punto di finirlo.

Ferito di fatto egli venne sebbene sull'entità delle ricevute ferite discordassero le relazioni.

Il feritore, però, mai venne rintracciato, o fu prudenza il non cercarlo.

Arrestato quello, tutta la leggenda dei sicari dell'Unione e Progresso appiattati nell'ombra, pronti a lanciarsi addosso ai corrispondenti di guerra filo-italiani, sarebbe precipitata nel ridicolo e con essa tutta la gazzarra nazionalista fatta attorno a quel volgare incidente.

Nondimeno, fin d'allora, un si dice assai... illustrativo per quanto poco patriottico, circolò per l'Italia: il feritore di Jean Carrère era un marito con poca unione e niente progresso, al quale, l'amico degli italiani, aveva tentato conquistare, o conquistata aveva, la dolce e morbida metà: un'araba ebrea.

Ma il si dice per amor di patria, tacitato d'irriverenza sovversiva, venne presto soffocato.

Pa' adesso che torni in circolazione assai meglio avvalorato.

Il generale Carlo Caneva sbottonandosi un poco, a Milano, senza por mente che concorreva a demolire una solenne mistificazione che ha fatto battere il cuore e le tasche agli italiani dei due mondi, il generale Carlo Caneva ha detto credere, anche lui, che il Carrère è stato pugnato da un marito poco compiacente verso i civilizzatori.

E nella rivelazione, non dell'ultima ora, sta forse il segreto della grande simpatia di L. Giovannetti — direttore del «Fanfulla» — per il suo collega francese. Collega in tutto... fuori che in letteratura.

E noi che siamo... turchi; noi pensiamo con... gioia alle mae risate che sull'imbecillità degli italiani deve aver fatto il signor Carrère, don Giovanni a Tripoli!

Per aver tentato le gioie dell'adulterio e per averne subito le conseguenze, quei mactacchioni d'italiani, le hanno fatto cittadini di non sappiamo quante città, lo hanno medagliato, bauchettato e portato in trionfo...

Ah! progenie della... Minotauriana. Dio ti sa!

Ma come è ingrata la patria con i suoi figli, o Giovannetti colendissimo?!

CUYUM PECUS

E' vero, o non è vero?

Grandi e piccini, i giornali indigeni, sono d'accordo nel gridare che noi caluniamo il Brasile.

Però quando si tratta di provare che caluniamo... girano al largo. Si abbandonano ai soliti squarci retorici, cosa nella quale sono maestri; fanno del chiasso e si trincerano nel patriottismo vilipeso, gridando alla diffamazione sussidiata dal governo della Repubblica Argentina.

Venite qua, signori, e ragioniamo a modo. Le chiacchiere sono chiacchiere. Vi rivolgeremo poche e concise domande.

Non fate i buffoni, rispondeteci a tono. E principiamo.

— E' vero, o non è vero, che nella «fazenda» la scuola non è neppure un pio desiderio? Che la farmacia bisogna andarla a cercare cinque, dieci, quando non più, chilometri lontano? Che il medico vi corre solo quando gli offrono una fortuna?

— E' vero, o non è vero, che il colono guadagna oggi la stessa mercede di venti anni fa? Che gli aumenti strappati ad alcuni «fazendeiros» sono miseria, che non hanno rapporto alcuno proporzionale, con la valorizzazione del caffè e con l'enorme rincaro delle cose di prima necessità?

— E' vero, o non è vero, che il lavoro nella «fazenda» è una vera oppressione, poichè dall'alba a notte inchioda il colono nel «cafetal»?

— E', o non è, la «fazenda» una continuazione del borgo feudale, dove il padrone, o per esso l'amministratore, è re, giudice e qualche volta carnefice?

— E' vero, o non è vero, che la misera paga del colono è spesso falciata da enormi multe, spesso cervelotiche, sempre sproporzionate al danno? Che nella «fazenda» non si entra e da essa non si esce senza il beneplacito del «fazendeiro»? Che per scappare, da quella, si arrischia la vita, o si perde il raccolto dell'orto coltivato per conto proprio ed il bestiame od i gallinacci di proprietà particolare?

— Facendovi grazia del «tronco» che in alcune «fazendas» esiste tuttavia: ammettendo pure che il «jus-coscianti» non sia più obbligatorio; dato e non concesso che gli abituri dei coloni si possano chiamar case, è vero, o non è vero, che durante l'anno i coloni sono obbligati a fare i loro acquisti in negozi, o del «fazendeiro» stesso, o da lui dipendenti per segreti contratti, servendosi di «boni» che il colono può spendere accordando un certo sconto, acquistando ciò di cui bisogna a prezzo di usura, poichè compra a credito, e perchè non può spacciarsi altrove, visto che il «fazendeiro» non ne garantisce il risarcimento... se non a sé stesso, o ai suoi interessati?

— E', o non è vero, che gli immigranti fin dal loro sbarco sono isolati, imprigionati quasi, perchè non abbiano contatto con la gente di fuori, venendo accatastati in un asilo che ha tutto l'aspetto di una prigione e nel quale hanno libera entrata soltanto gli incettatori di carne umana, o gli acquirenti di essa?

Avremo altre domande da farvi sul tema i coloni... Ma le lasciamo per quando avrete risposto alle sopra dettate.

Dal colono intanto passiamo al lavoratore... libero cittadino.

— E' vero, o non è vero, che nel Brasile, e specialmente nello Stato di S. Paolo, il diritto di sciopero e di associazione lo si conosce per sentito dire che anche la Russia lo riconosce e la Turchia lo tollera?

— La Federazione Operaia di S. Paolo l'abbiamo saccheggiata noi; quella di Santos l'hanno presa d'assalto i briganti... della Calabria; oppure le vostre soldatesche ubbriache?

— E' vero, o non è vero, che appena una categoria di operai si mette in sciopero, pronti i vostri poliziotti intervengono con le loro maniere usuali per impedire anche le riunioni private ed arresta quelli che i padroni ritengono capi, facendoli scomparire per settimane nelle guardine e sottoponendoli alla cura che condusse il conte Ugolino all'altro mondo?

— Ammesso che il caso Calvo e quello De Mattia non siano che casi eccezionali...

venuti in luce per forza di circostanze, è vero, o non vero che di fronte alla tracotanza ed alla feroce insipienza della polizia sciabolatrice, la magistratura stessa si confessa impotente; che il codice di procedura penale diventa una illusione davanti al capriccio di un delegato nevrastenico?

— E' vero, oppure è favola delle «Mille e una...» boieria, che si sta popolando le micidiali zone della Noroeste, compiendo razzie, di giovani e di vecchi, nelle città, trascinando verso quelle contrade, a viva forza, tutti coloro che non hanno un amico od un parente che si agiti per rintracciarli?

— E' vero, o non è vero, che nella Corte di Assise costituisce attenuante l'essere brasiliano ed aggravante l'essere straniero e particolarmente italiano? Che le persone di buona famiglia possono schiacciare impunemente per le strade, tirare rivoltellate e maltrattare la povera gente?

— Che lo stupro commesso da un nazionale laureato diventa una «brincadeira», e l'omicidio compiuto di chi appartiene alla politica dominante, o da chi ha denari e parentela influente, «un perdoavel caso de allucinação»?

— E' vero, o non è vero, che lo straniero, il quale qui ha fatto tutto, è considerato come un intruso e giudicato un morto di fame venuto a saziarsi alle spalle dei brasiliani? Che gli unici immigranti qui considerati sono quelli che fanno lavorare gli altri e che si sono abituati... ai costumi del paese?

— Sapreste indicarci un altro paese del mondo dove, come in questo è tollerato che bambine anche di otto anni vadino ad intisichire nelle fabbriche?

Che non ha una legislazione la quale garantisca di fatto il salario di chi lavora?

— E' vero, oppure è una calunnia inventata da... Zeballos, che per impedire qualunque grido di protesta da parte degli oppressi e dei derubati, per iniziativa dei governanti lo stato di S. Paolo, sia stata fatta votare dal Congresso Federale una legge di residenza che pone la libertà del cittadino straniero alla mercé di ogni qualunque paltoniere che riceva stipendio di poliziotto?

Potremmo continuare fino a Natale, ma non vogliamo affaticarvi... Ci basti che rispondiate a queste domande e ci dichiariamo pronti, caso vi abbondi il coraggio civile di dimostrare che una, o più, delle nostre... calunnie non sono vere, pronti a confessarci autori del bombardamento della Bahia, e di tutti i delitti, gl'incendi e i saccheggi, le rapine, gli assassini ed altre belle azioni politiche... in questo paese di tolleranza, di benessere e di libertà, all'ordine del giorno.

Vi accomoda.

ADOLFO MAGRO

N. d. R. — Alle domande che il nostro Adolfo Magro dirige ai giornalisti paesani, noi potremmo aggiungere altro di ordine politico:

— E' o non è, la nazione tutta «fazenda» di poche famiglie; l'amministrazione pubblica non è monopolio di oligarchie ereditarie; è vero o no che per godere di tutte le libertà, lecite ed illecite bisogna aderire al partito della banda che si trova al governo?

— Sono, o non sono, proprio speciali le condizioni politiche del paese; non ci troviamo alla vigilia di una stupida guerra civile, mentre i debiti si accumulano ed il caffè minaccia un continuo ribasso?

— Non registrano giornalmente i quotidiani indigeni, le violenze delle consorterie dominanti, le colossali truffe all'erario pubblico da parte d'individui che più tardi diverranno baroni del papa?

— Non regna la più pazzesca confusione in tutte le pubbliche amministrazioni sposta all'acacia più strafottente, mentre le dilapidazioni si succedono con un crescendo da far restar di sasso chiunque non sia brasiliano?

— Ed in mezzo a tutto questo tracollo di un'ordinamento politico infarcito di belle parole, mentre il pretendente bastardo si fa avanti ed il clero assicura la propria egemonia, quale speranza quale conforto, quale garanzia può persuadere il lavoratore straniero ad approdare a queste terre, dando fede ai commessi viaggiatori dell'emigrazione in giro per l'Europa raccontando frottole?

— In un paese dove il «fazendeiro» è anche capo politico ed è lui che nomina le autorità è concesso l'«exequatur» ai giudici cosa mai possono valere i progetti di una legislazione operata?

Diffondete **La Barricata**



Il Parlamentarismo

La critica del parlamentarismo è stata fatta in tantissime maniere.

Alcuni hanno calcolato in modo ingenuissimo come i nostri sistemi di rappresentanza e di maggioranza siano impotenti ad esprimere l'opinione della maggioranza. Io non so se questi calcoli siano esatti, ma vi sono purtroppo tantissimi casi in cui le opinioni della maggioranza degli eletti vanno in perfetto accordo con quelle della maggioranza degli elettori, e tali opinioni non sono quelle che ci fanno onore.

Altri hanno dipinto con colori assai foschi e quasi sempre esatti l'ignobile mercato delle coscienze, i cinici e sfrontati contratti, le epoche delle declamazioni ciarlatanesche, degli incensamenti, delle menzogne, epoche in cui si matura ciò che si chiama la nostra rappresentanza nazionale. Ma non ingiamoci in questo lato della questione. Facciamo conto, se volete, che sia questa semplicemente la parte brutta inerente a qualunque impresa umana.

E' stato detto che i parlamenti sono basse officine di affari, in cui non si trattano seriamente che gli interessi del commercio e del denaro. Ammettiamo che ciò non sia completamente giusto. Fra i deputati, come altrove — benché meno che altrove, è cosa indiscutibile — vi sono delle brave persone che adempiono con tutta coscienza e in modo disinteressato al loro dovere.

E' cosa evidente, come pure è stato fatto notare, che questo dovere non corrisponde a qualche cosa di molto elevato né di molto audace, imperocché, non appena mette piede in un'assemblea deliberante, l'individuo viene immediatamente penetrato dall'irresistibile ambiente di moderantismo e di debolezza ivi dominante. In seguito a qualche combinazione felice possono così incontrarsi, come altrove, uomini non curanti agli interessi del partito e di corpo, superiori alla legge degli ambienti e i quali ricercano le tribune politiche per diffondere da esse delle ardite verità.

Da parte dei rivoluzionari si afferma spesso che un parlamento non può produrre che riforme insignificanti. Ora, non sono delle riforme che a noi occorrono, ma una radicale trasformazione che colpisca la base stessa della società, cioè la maniera stessa di produzione e di ripartizione delle ricchezze. Certo, alcune riforme non sono da disprezzare; quelle principalmente che tendono a sviluppare l'igiene, ad estendere e a migliorare la istruzione, a diminuire le ore di lavoro, ad accorciare l'odioso servizio militare, e neutralizzare gli sforzi delle religioni, a liberare la donna dalla schiavitù che grava ancora su di lei, ecc. E' impossibile negare che per tutte queste strade non ci s'incammini precisamente un poco verso la rivoluzione.

Il vero capo di accusa contro il parlamentarismo, il più forte e il più grave, il solo che sia inconfutabile e che domini da un punto assai più elevato tutti gli altri, è che il parlamentarismo costituisce una vera scuola di pigrizia morale e di servaggio. Non avvi miglior meccanismo di esso per uccidere negli uomini l'indipendenza, la dignità, l'iniziativa, il gusto e la volontà dell'azione, quanto è a dire, per avvilire a poco a poco i caratteri. E ciò non soltanto presso coloro che vengono eletti, — ciò che non sarebbe gran che, dato il numero ristretto e la qualità generalmente inferiore della loro intelligenza e della loro moralità — ma, ciò che è più grave, presso la grande massa di coloro che così presto e, ahimè! così esattamente sono stati chiamati al gregge degli elettori.

Nessuno potrà negare i vantaggi che nella vita pubblica come nella vita privata si ritraggono dall'azione variata, frequente, spontanea e libera. Ora, l'elettore è un uomo che agisce una volta tutti i quattro anni. E in qual modo agisce a questi intervalli così distanti? Unicamente per rimettere nelle mani di un altro il suo diritto di agire. Tutti i quattro anni l'elettore compie una certa formalità che ha la virtù di sbarazzarlo da ogni preoccupazione, di metterlo completamente in regola colla propria coscienza. Come poter ottenere in seguito qualcosa da una coscienza tranquilla? Qualunque siano le iniziative e le bisogno nuove che possono esser imposte, e sono, infatti imposte dalle necessità della lotta, qualunque siano ad ogni momento le occasioni per gettarsi in una lotta nuova ed esperimentare tattiche nuove, il buon elettore rimane impassibile, perfettamente incompressivo, indifferente, perché già una volta ha deposto nell'urna un piccolo pezzo di carta e presto ve ne deporrà un altro. Ed ogni volta che voi direte a quest'uomo: «Vi sarebbe da far questo e questo, e poi quest'altro ancora, perché è cosa urgente e il tempo stringe», il buon elettore vi rimanderà colla stessa aria di stupore colla quale un ricco borghese guarda un misero crepaccio di fame alla sua porta, dopo che egli si è già dato la pena di versare dieci franchi all'anno ad un'istituzione di beneficenza.

Votare, per la maggior parte, significa potersi lavare le mani dagli affari pubblici. E qual segreta disposizione non abbiamo noi tutti per il famoso gesto di Pilato?

Che cosa volete mai aspettarvi dalla attività, dalla iniziativa di un uomo, nella

lotta politica, quando questo uomo, l'elettore, ha ricevuto da uno specialista in materia politica e da uno specialista circondato da prestigio, l'elettore, l'assicurazione che tutti i suoi desideri saranno prontamente soddisfatti, purché egli, l'elettore, dopo compiuto il suo dovere, se ne rimanga quieto e tranquillo? Come potrebbe agire liberamente, secondo le proprie decisioni e l'ispirazione delle circostanze, colui il quale, col suo voto, ha patteggiato con un partito, ha contratto impegno con l'uomo e col programma di un partito, colui che è egli stesso l'uomo di partito? Imperocché, arrivato il gran giorno di esercitare la sovranità popolare, il cittadino libero, il *sovrano*, non ha nemmeno da ricercare, a suo rischio e pericolo, colui che gli sembra il più degno della sua coscienza, la qual cosa esigerebbe ancora una certa parte di sforzo e di responsabilità. No. E, del resto, come lo potrebbe? Egli è, senza saperlo, il più delle volte, uomo di partito, e accetta ad occhi chiusi l'uomo del suo partito. Che questi sia poco onesto, tanto peggio. L'uomo più corrotto del nostro partito, non val forse meglio che il più onesto del partito avversario? In materia d'elezioni, è il partito che fa tutto. Ognuno presenta la sua mercanzia, come ogni banco della fiera offre ad ogni compratore un prodotto differente. E una volta che ciascuno, bene o male, ha ritrovato il suo distintivo, sempre avanti il partito, di cui ciascuno, sia elettore che eletto, rimane schiavo sino alla vergogna, sino alla infamia. C. A.

Dal «Don Chichotte»:

«Deploriamo sinceramente che la propaganda contro l'emigrazione nello Stato di S. Paulo sia fatta da fanatici irresponsabili, i quali con le loro intemperanze e di linguaggio rovinano una buona e giusta causa.»

E tutto questo perché?

Perché alla Segreteria di Agricoltura ha fatto comodo l'espediente di mettere in bocca al Viettes parole che a noi non costa affatto l'invio della Confederazione Operaria Brasiliana abbia pronunciato.

Paolo Mazzoldi per bollandi *fanatici irresponsabili* persone a lui ignote, bisogna che abbia proprio una grande fiducia nella parola degli organizzatori della tratta degli schiavi bianchi.... Caso contrario dovremmo crederlo stupidamente maligno. Il che, dopo tutto, ci dispiacerebbe assai.

Peggio della «Santa Russia»

In questo paese, malgrado l'etichetta di governo democratico, viviamo in pieno feudalismo!... Da una parte borghesia e clero — assoluti padroni di tutto e di tutti. — Dall'altra servi forzatamente rassegnati che hanno solo doveri da osservare e niente diritti da godere... Insomma quelli che non sono agnelli sono... lupi!

Proclamata da quattro sbazzini di positivisti — la repubblica — quando ancora non esisteva neppure l'ombra dei repubblicani; fu nuovamente consegnata — mani e piedi legati, con semplice cambiamento di scenario — ai vecchi e nuovi schiavisti e inquisitori, che avevano lasciato triste memoria di sé sotto il regime imperiale, (Rodrigues Alves informi) e che ora se la divorano nella santa pace di *nostro signore* e del popolo straziato e affamato che gli fa le spese; intendiamoci, il popolo straniero; giacché se c'è un popolo che non fa le spese proprio a nessuno, questo popolo (salvo rarissime eccezioni) è precisamente quello brasiliano!...

Gli eroi che abbandonano le ricchezze e i godimenti, confondendosi con il popolo lavoratore per la sua redenzione dalla secolare schiavitù; i grandi pensatori e la gioventù... studiosa che altrove nella vecchia Europa spendono tutta la loro vita intellettuale per illuminare le menti delle masse proletarie, qui non esistono.

Qui solo esistono, avventurieri rapaci che degli uomini non hanno neppure le sembianze! Da questi bastardi, delinquenti e inquisitori, venuti a far razza in questa cuccagnesca contrada, nulla di buono dobbiamo aspettarci... Anzi!...

Perché tutti quelli che sono fautori dell'anarchismo non debbono aspettare che la anarchia, si maturi da sé, per sola evoluzione naturale, storica. Ci vuole, anzi è indispensabile, la spinta e quanto più poderosa per arrivarvi il più presto che sia possibile!...

E' per questo che ogni anarchico, se tale è, deve portare il suo contributo alla propaganda, per piccolo che sia, se vuole fare opera veramente degna. Perché qui più che altrove — chi non è con noi, è contro di noi!...

Che l'evoluzione ci porta all'anarchia — malgrado tutte le persecuzioni e le violenze praticate quotidianamente dalla borghesia

dominante, contro gli anarchici e contro tutti i sinceri rivoluzionari, è cosa evidente anche per i ciechi; giacché se così non fosse, tutta la stupida reazione ogni giorno più feroce non avrebbe agito d'essere.

Ormai sta tramontando il ciclo di questa forma di società inpuritica, venuta fuori dopo la grande rivoluzione dell'89 con la falsa promessa al popolo dei famosi «diritti dell'uomo»...

E non si spiega diversamente...

Quando io, mi trovo di fronte ad un nemico debole, impotente verso di me, che vorrebbe ma non può uocermi, io, rimango indifferente, e ne la rido; ma se al contrario mi metto alla difensiva, cioè vuol dire che io ho paura dell'avversario... Perciò è chiarissimo che i governanti di tutti i paesi attaccano e perseguitano gli anarchici e perché sono mossi dalla paura... perché sentono già mancare il terreno sotto i piedi... LUCIFERO

Quelli del «Commercio de S. Paulo»

sono proprio dei tipi speciali. Dopo averci con una corrispondenza da Parigi tacciati di calunniatori, dopo di avere con una faccia da Zebedeo domandato a quali fonti andiamo ad attingere le nostre informazioni, se ne vengono fuori, come se non fosse affar loro, con dei curiosi *entrefilet* sull'azione della polizia ed i suoi sistemi di deportazione.

E scrivono:

«La polizia per non perdere carta e tempo ha abolito di un colpo i processi contro i vagabondi e i turbolenti incorreggibili, inviandoli, con misura sommaria, per le zone servite dalla «Noroste» da dove, quando non arrivano a fuggirne, o muoiono o si trasformano in temibili delinquenti. Ma se la polizia deportasse per le dette zone solo i vagabondi e i turbolenti recidivi, la violenza potrebbe esser tollerata. (N. d. R. ...? ...? ...?)

«Così però non succede: con i vagabondi sono deportati *lavoratori onesti ed uomini invalidi*.

«Anche l'altro ieri ricevemmo la visita del signor Luiz Teixeira de Almeida Barros, provveditore onorario della Santa Casa di Misericordia di Jabu, appena arrivato da Itapura, stazione della strada «Noroste» do Brasil.

«Nel giorno 13 o 15 del Marzo, p. p. afferma il signor Almeida, un venti o diti di polizia, agli ordini di un sergente, abbandonarono nella detta stazione *venti individui*, trovandosi tra questi tre vecchi e malati, un paralitico ed un altro... privo di una gamba.

«Il paralitico, secondo dichiara il nostro informatore, si è durante 18 ore, caduto a terra, abbandonato nei pressi della stazione.

«Aggiunge il signor Almeida che i malati restarono abbandonati in Itapura, gli uomini validi essendo riusciti a fuggire. «Fatti come quelli che terminiamo di narrare depongono contro la nostra polizia...»

E denunciano, o teste... quadrate del «Commercio de S. Paulo» a quali fonti noi andiamo ad attingere le nostre caluniose informazioni.

N. d. R. — A proposito della corrispondenza da Parigi, il «Commercio» metteva quasi in dubbio l'esistenza del nostro giornale. Per tranquillizzarlo gli abbiamo spedito il numero in cui è apparso, in francese, il nostro appello alla stampa libera dell'Europa. E glielo abbiamo spedito assicurato.

Naturalmente, il «Commercio», ha fatto le viste di niente aver ricevuto...

Importantissimo

Un compagno che vuole pubblicare un ponderoso e documentato studio sul regime feudale della «fazenda» prega quegli amici nostri coloni o che a contatto dei coloni vivono a voler fornirgli, copie, o possibilmente, l'originale stampato di questo o quel contratto imposto ai coloni delle diverse «fazendas». Così pure desidererebbe ottenere qualcuna delle «cadernetas» dov'è scritto l'aver delle multe da pagare del colono.

Inoltre chiede a quei nostri abbonati che vivono o hanno amici in «fazenda», la gentilezza di rispondere a queste domande:

— Nella vostra «fazenda» (quale?) quanto può mettere insieme, a fine di anno, una famiglia composta di marito, moglie, un figlio adulto ed altri due ragazzi in condizione di prestare il loro concorso sia nell'epoca della raccolta del caffè o nel periodo della sarchiatura o «carpa»?

— Esiste nella «fazenda» in cui lavorate, un «armazem»; è esso proprietà del «fazendeiro», o gestito per conto di esso, oppure ne riceve interesse?

— E' in vigore il sistema dei

«boni»? A quale prezzo vengono a voi venduti i generi di prima necessità?

Vi sono durante l'anno accordati anticipi in denaro?

— E' libera l'entrata e l'uscita dalla «fazenda»? Può il colono assentarsi anche per un giorno senza previa autorizzazione?

— Quanto vuole un medico recarsi a visitare un colono? A quale distanza la farmacia più prossima; a quale una scuola?

— Per quale ragione vengono applicate le multe; quale la loro entità?

Tanto queste, che le altre, informazioni che i nostri amici si affrettano a comunicarci devono essere scrupolosamente esatte.

Il nome di coloro che ce le comunicheranno non verrà fatto pubblico onde evitare possibili rappresaglie. Se però qualcuno volesse documentare le proprie denunce ed informazioni con la propria firma, sarebbe meglio.

Speriamo in una sollecita e numerosa collaborazione.

Lo sciopero generale

Lo sciopero generale si fa sempre più l'arma di combattimento del proletariato cosciente.

In altri tempi, le audaci minoranze rivoluzionarie potevano, riparatelo un mucchio di sassi, lottare efficacemente contro i fucili poco perfezionati dell'esercito, nella speranza che la massa, risvegliata dal suo letargo, entrasse in scena ed abbattesse tutti gli ostacoli con la sola forza del numero.

Oggi, questo non può accadere nella maggior parte degli Stati moderni, dove la potenza degli strumenti distruttori e scientifici di cui l'esercito è provvisto, nonché il diverso sistema di costruzione delle grandi città, con le strade ampie e pavimentate in legno od asfalto, rendono sempre più difficile, per non dire impossibile, la guerra delle barricate.

L'esperienza della Comune parigina, vinta e soffocata nel sangue dietro le sue barricate demolite, pur avendo essa avuto a sua disposizione mezzi di difesa che niuna insurrezione possedette mai, è abbastanza conveniente a tal proposito.

Malgrado i suoi cannoni di Montmartre, e le imponenti barricate della piazza Vendôme, la Comune, difendendosi esclusivamente sul terreno militare, era condannata a rimaner vinta.

Eppure essa aveva in suo potere la Banca di Francia, il «Comptoir d'Escompte», la Cassa di depositi e prestiti, l'amministrazione delle ferrovie, quanto è a dire i principali organismi di questa società capitalistica, la cui anima palpitava allora a Versailles.

La Comune avrebbe potuto e dovuto, sin dal principio, impadronirsi di questi organismi capitalisti, come meno scrupoloso di essa, Bonaparte iniziò il suo corpo di Stato del 2 Dicembre collo invadere la Banca. In tal modo Versailles, malgrado i suoi centotrentamila uomini e la sua formidabile artiglieria, avrebbe capitolato e chiesto quartiere, e la strage dei parigini si sarebbe così evitata.

La Comune avrebbe tuttavia potuto e dovuto far questo verso il suo termine, quando il disastro parve sicuro. Non avrebbe avuto che da compiere un atto antiproprietario, perché avesse avvinto alla sua causa, oltre ai dieci o quindicimila partigiani convinti che lottarono sino all'ultimo, anche altri centomila disertati che le avrebbero dato una forza invincibile. I grandi proprietari, industriali e fondiari, tutta quella canaglia feroce che lavorava a morte contro Parigi, avrebbe, per timore dei suoi interessi, i quali le stavano più a cuore d'ogni considerazione d'umanità, costretto Thiers a venire a trattative.

Invece la Comune volle rimaner «onorata» nel senso legale e stupido della parola, volle, cioè, rispettare il disonore capitalistico, e fu vinta.

Lo sciopero generale potrà dar la vittoria al proletariato, ad alcune condizioni, però:

1.° Che venga proclamato «simultaneamente» e non successivamente nelle differenti parti del paese, dimodoché l'esercito resti immobilizzato e impedito di portarsi da un punto all'altro.

2.° Che sia stato preceduto da una propaganda anti-militarista continuata, dimodoché il giorno dello sciopero siano soldati che si rifiutino di sparare contro il popolo o magari attacchino i poliziotti. Così, nel luglio 1789, le guardie francesi presero le parti del popolo sollevato contro la cavalleria reale e gli svizzeri. Bastano alcuni uomini risolti per far sollevare una compagnia o un battaglione, cioè che, replicandosi qua e là, può decidere della vittoria.

3.° Che i proletari non si appaghino di

realizzare lo sciopero delle braccia incrociate. Approfitando del disordine prodotto nel mondo governativo e capitalistico dalla cessazione simultanea e generale dal lavoro di tutte le corporazioni di mestiere, debbono prender l'offensiva, attaccare il nemico da tutte le parti, dove possono e come possono. Se l'allontanamento delle truppe o la loro adesione al movimento può condurre i lavoratori al possesso di una piazza, debbono immediatamente trarne profitto, impadronirsi degli arsenali, delle caserme, delle botteghe, assicurare nel tempo stesso il consumo e la difesa. E' necessario che i disertati possano soddisfare immediatamente alle loro necessità, e tale soddisfazione garantisca dell'avvenire; è necessario inoltre che i mezzi di difesa passino immediatamente dalle mani della classe possidente in quelle della classe diseredata.

Questo è l'unico modo pratico di comprendere lo sciopero generale.

Tali idee mi si affacciavano alla mente ripensando al tentativo di sciopero generale avvenuto anni fa in una grande città.

Il movimento fu un'ammirevole dimostrazione di solidarietà operaia. Centomila lavoratori abbandonarono le galere capitaliste e durante ventiquattr'ore, rimasero padroni della città.

Soltanto, in simili casi, non basta passeggiare per le strade per vincere la partita. Lo dimostrano bastantemente nei di seguenti le scariche della truppa.

Era fallito il piano rivoluzionario. «Che movimento ammirevole! — mi scriveva ingenuamente un amico da colà. — I proletari hanno tenuto un giorno nelle loro mani la città, e nulla è avvenuto!»

Disgraziati! E non capivano che avrebbero dovuto accader *tutto*!

C. MALATO

Un nuovo flagello

La popolazione dello Stato di S. Paulo e, per riflesso, quella degli altri Stati della federazione e degli altri paesi del globo terraqueo i cui cittadini capissero in questa provincia, è minacciata da un pericolo d'inaudite conseguenze.

Non si tratta di peste bubbonica, o di una generalizzazione delle ulcere di Bauru. La cosa è più grave; la minaccia più seria.

Il governo dell'Unione s'è fatto in capo di chiamare a sé la gestione della strada ferrata che da Santos si prolunga fino a Jundiaby; cioè, di comprare la cosiddetta «ingleza».

L'affare — poiché in fondo si tratta di un'affare e forse non tanto pulito — ha sollevato un vespaio.

Chi approva, chi biasima e chi resta fedele all'opinione del marchese Colombi.

Nessuno però di tutti quelli che per una ragione *sempre patriottica*, hanno discusso il pro ed il contro, dell'acquisto o della cessione, si sono soffermati su di una considerazione che dovrebbe persuadere, di una simile faccenda, a non parlarne mai più.

Ma ve l'immaginate un po' l'Ingleza in mano di un Frontim qualunque?

Se la Central ci ha dato l'ultima parola in tema disastri, offrendocene uno in cui tre treni si sono scontrati... che ci darà la Ingleza il cui sistema funicolare da Piaçanguera all'Alto da Serra richiede un'attenta e costante cautela (la parte di coloro che ne regolano il movimento)?

L'Ingleza nelle mani del governo federale vuol dire la possibilità di trovarsi, da un momento all'altro con un audace volo sopra Cubatão, nel porto di Santos, a bordo di qualche piroscalo, senza scendere dal vagone... anzi con tutto il vagone, mercé un paradossale salto, per il capriccio o la sborbia di qualche macchinista grande elettore. Perché, e la cosa è molto naturale, passata al governo dell'Unione l'amministrazione della strada in questione, il primo atto dei nuovi dirigenti sarà quello di sostituire od aumentare l'attuale personale... dando un impiego a tutti gli elettori a spasso, a tutto quel fior fiore di popolo sovrano che dallo scuro oliva al nero-avorio forma la sacra fange tebana che davanti ai calici di *pinga* mai si arrende e sul cui eroico appoggio si basa l'ordine costituito e per la cui azione vengono eletti i presidenti di questa promettente repubblica. C. P.

PICCOLA POSTA

SOROCABA — (L. C.) — Ricevuti i 5 e i 50.

Questi a quali abbonati dobbiamo accreditarli? Spediamo ai nuovi. Per il resto ti scriviamo.

A DIVERSI (Qui e altrove). — Da varie parti individui che hanno in loro potere denaro di abbonamenti riscossi, o prodotto di sottoscrizioni, o di feste, ci scrivono o ci fanno sapere che *presto ce li rimetteranno*. Questo dura da più mesi e noi siamo stanchi di essere presi in giro. Nulla esigiamo da chi non può e ma abbiamo fatto questione di denaro, poiché la nostra non è una bottega. Ma che si dimentichi di noi chi può e continui a conservare in proprio potere denaro nostro... non ci va proprio giù e finiremo col vederli obbligati a fare i nomi.

PIRASSUNUNGA (Mont). — Scrivi accennando a fatti concreti e documentabili. Così non va. Se un individuo è... quello che è, deve averne fatte delle sue ed è per le azioni praticate che lo si può inchiodare allo go. Attendiamo. Inviato all'abbonato che rientra ed all'altro che non parte più. Saluti.

Mercoledì 30 Aprile

Festa di Propaganda